

## TRADUÇÃO

A arte de poder não ter razão.  
Diálogo com Hans-Georg Gadamer

The art of being able to not be right.  
A conversation with Hans-Georg Gadamer

Tradutora

Irene Borges-Duarte

Universidade de Évora/PRAXIS - Centre of Philosophy, Politics and Culture

118

### NOTA INTRODUTÓRIA À TRADUÇÃO:

Nascido em 1900, Hans-Georg Gadamer costumava dizer que era "um dos filhos mais velhos do século". No breve diálogo que se segue o velho pensador procura, muito coloquialmente, fazer o balanço da sua contribuição à filosofia contemporânea. Atendendo ao contexto histórico do seu pensamento e à sua herança heideggeriana, situa a sua contribuição mais original e importante na sua atenção ao diálogo, como forma de encontro com os outros, na descoberta do que, sem passar pela perspectiva que o outro traz à conversa, não descobriríamos. Neste caminho há, ao mesmo tempo, uma manifestação de dívida e de novidade relativamente ao mestre, bem como uma afirmação da grandeza de Platão e do rumo filosófico, que ele deixou marcado.

### ENTREVISTA<sup>1</sup>

*O que é que considera ser o mais essencial do século XX?*

---

<sup>1</sup> A presente entrevista, com o título „Die Kunst, unrecht haben zu können. Ein Gespräch mit Hans-Georg Gadamer“, foi conduzida por Ingeborg Breuer e Dieter Mersch, e conheceu múltiplas publicações. Inicialmente pensada no contexto de um programa radiofónico, de que conserva a oralidade estilística, apareceu, primeiro, em *Süddeutsche Zeitung* 10./11. Februar 1990, Feuilleton 16; e em *Information Philosophie*, 1991/3, pp. 21-28; antes de ser integrado no volume: BREUER et al., *Welten im Kopf. Profile der Gegenwartsphilosophie*. Hamburg: Rotbuch, 1996, pp. 105-115.

Tradutora

Irene Borges-Duarte

Toledo, v. 6, n.2 (2023), p. 118-125

Em questões como essa, devemos deixar-nos levar pela própria linguagem. E a linguagem diz-nos, neste caso, que o século XX começou por dizer de muitas coisas: "Ah, isso é muito tipo século XIX!". A expressão continha uma crítica. Significava arquitetura sem estilo; significava uma certa forma de pintar de maneira fotográfica, já ultrapassada; significava uma ênfase nacionalista unilateral. Dessa maneira, através da linguagem, o nosso século dava mostras da sua própria autoconsciência. Porquê? Bom, já sabemos que foi então quando se deu a irrupção da música atonal, da pintura expressionista, do despedaçar-se e libertar-se da forma – como aconteceu, por exemplo, no caso *Der Blaue Reiter*, nos meus tempos moços. Houve, pois, no século XX, um ressurgimento, que se deu em muitas coisas. Hoje vemos isto com muito maior nitidez do que o podíamos ver antes da Iª Guerra Mundial. Mas, então, aconteceu a Iª Guerra Mundial e, com ela, chegou também, em todo o mundo, o fim da era liberal. Nessa medida, o século XX definiu-se como um corte em relação ao século XIX. Mas também há continuidade entre ambos os séculos. Foram os frutos da ciência do século XIX que se expandiram eficazmente no século XX. A palavra "tecnocracia", por exemplo, é uma palavra que eu só ouvi depois de 1950.

*O Senhor escreveu uma vez que no século XIX o pensamento histórico tornou-se central. Mas bem podia dizer-se que, especialmente depois da 2ª Guerra Mundial, se dá uma rutura, uma tentativa de começar de novo e também um querer esquecer a catástrofe histórica. Mas com isso dá-se também um querer esquecer a historicidade em geral. Não se terá a História transformado, especialmente hoje em dia, num problema?*

119

Pode dizer-se que sim... Mas, em qualquer caso, está a dizer isso com uma voz jovem, enquanto que a voz de quem é mais velho pensa muito mais voltada para o passado. A vida consiste em que o futuro começa por ser um gigantesco horizonte aberto, que pouco a pouco se vai derretendo. E, por isso, o olhar retrospectivo para o lado cresce e amplia-se, de maneira correspondente. A vida humana é assim. Mas devemos atender sempre às continuidades. No caso da Psicanálise, por exemplo, o conceito de inconsciente provém, de alguma maneira, de Schopenhauer, e Freud foi uma figura típica do século XIX. E, contudo, foi a transposição desta descoberta que marcou como novo o século XX. Por isso, se me pergunta pelo que há de novo, eu respondo que há que ver o antigo, e ver-se-á que o antigo não era assim tão passado, nem o novo tão novo, como parecia. Creio que esta é a experiência mais importante que o homem pode fazer acerca do acontecer [histórico].

*Como descreveria a sua própria vivência do início do século? Começou por cursar estudos universitários em Breslau, com Hönigswald, depois foi para Marburgo, tendo sido essencialmente influenciado pelo Neokantismo. Doutorou-se com Paul Natorp e Nicolai Hartmann. Mas o Neokantismo não o deixava satisfeito.*

Naquele tempo, um estudo universitário era o começo de uma odisseia. Não havia um plano de estudos, não havia regulamentos. Eu procurava seguir as minhas capacidades e tendências, que em parte podiam ser artísticas, e em parte filosóficas, num sentido

*A arte de poder não ter razão.*

*Diálogo com Hans-Georg Gadamer*

amplo. Primeiro, estudei Linguística... e descobri que não era mesmo isso que eu queria. Depois, estudei Literatura... o que foi péssimo para mim. Finalmente, achei que o mais interessante em Breslau era Hönigswald. E, então, fui-me embora para Marburgo... Claro, o Neokantismo... Mas o próprio Natorp já então significava uma rutura. Era amigo de Rabindranah Tagore, amante de Dostoiewsky e de Beethoven. Mas, ao mesmo tempo, desde o início da minha juventude, acompanhara-me a proximidade do Neokantismo, pela representação de que a ciência constitui o único lugar da verdade.

*Quer isso dizer que a experiência que Heidegger lhe proporcionou, ao chegar a Marburgo em 1923, consistiu justamente em que ele correspondeu àquilo que estava a amadurecer em si?*

Nessa altura, passada a prova do doutoramento, em 1923, eu estive durante todo um semestre em Friburgo e tive também a honra de participar com um escrito no livro de homenagem a Natorp. Eu, então, não era ninguém. E este meu escrito tem sido muitas vezes considerado como uma antecipação de Heidegger. Naturalmente, essa interpretação é falsa. Esse meu texto era o resultado das poucas semanas em Freiburg com Heidegger. Com Heidegger, a cátedra emitia, de relance, sons completamente inabituais, acadêmicos. Falava-se da vida, e de que a vida era "nebulosa": sempre se tolda, uma e outra vez. Isto só é possível depois de Nietzsche.

120

*Poder-se-ia dizer que a filosofia de Heidegger corresponde àquilo que o Expressionismo significou na arte, algo que a poesia dessa época já realizava, que irrompia na música?*

Certamente. Debaixo do tinteiro da secretária, no gabinete de Heidegger em Friburgo, estava a correspondência de van Gogh. Nas suas aulas utilizara quadros de Franz Marc. Nele, tudo isso era natural, mas em nós também. E a literatura alemã de princípios do século, a grande lírica (George, Rilke e Hofmannsthal) também foi realmente muito importante.

*Qual foi, então, a influência de Heidegger dentro do seu âmbito universitário?*

Tudo o resto era maçador, e pronto.

*Além da influência de Heidegger, foi para si muito importante a filosofia grega. O seu doutoramento foi sobre Platão e o seu trabalho de habilitação docente, dirigido por Heidegger, foi sobre "A ética dialéctica de Platão". O próprio Heidegger, na sua filosofia, também voltou às origens gregas, embora bem mais para trás de Platão. Em que medida é que o seu trabalho se distingue do dele? Tentou, talvez, corrigir muito do que era unilateral em Heidegger?*

Vamos por partes. Em primeiro lugar, os gregos não estavam impregnados de uma cientificidade de tipo progressivo e orientado para o futuro, ao contrário do que acontece a nível mundial no século XX. Bem pelo contrário, tinham desenvolvido o seu modo de pensar em formas de vida totalmente diferentes, formas não tão individualizadas,

Tradutora

Irene Borges-Duarte

Toledo, v. 6, n.2 (2023), p. 118-125

elevadas sobre o subjectivo. Para nós, que víamos que a era do individualismo e do liberalismo chegava ao seu fim, esse [modo de pensar] exercia uma enorme atracção. Havia aí algo comum com Heidegger, foi isso que eu extraí das suas interpretações de Aristóteles. Mas o que mais me estimulou foi que ele não via Platão da maneira como ele era importante para mim. Isso deriva de que há entre nós ambos uma diferença nuclear. Heidegger foi um grandíssimo pensador, que era capaz de tornar incrivelmente fascinantes as suas próprias visões de pensamento. Mas não era propriamente um homem dialogante. Platão, mediante a sua arte do diálogo, tinha para mim o encanto de oferecer uma base para esta minha tendência a alcançar os meus próprios objectivos de pensamento a partir dos outros. Quando se leem os diálogos de Platão, encontramos lá alguém que diz "sim" ou "não" e, muitas vezes, "talvez". Mas não diz mais que isso. E creio ter razão ao dizer que a suprema arte de Platão foi construir diálogos, nos quais não nos damos conta de que nós mesmos estamos a desempenhar o papel de quem responde. É nisso que está, para mim, a importância de Platão. Quando Heidegger, mais tarde, retornou aos pre-socráticos, manifestou-se outra divergência entre nós. Heidegger era um génio para por a descoberto todo um mundo nas palavras e conceitos. Eu, em contrapartida, ocupei-me sempre mais com a compreensão de frases, textos e pessoas, com considerações acerca de algo. São duas coisas diferentes. Chamo a Heidegger um "vedor", um "buscador de mananciais": ele tinha essa força visionária de, de repente, elevar a conceito aquilo que estava oculto na linguagem. Ora, eu fiz daquilo com que nos encontramos nas opiniões dos seres humanos e na transmissão dos nossos textos o meu parceiro de diálogo. 1 2 1

*Onde é que encontra a sua principal diferença relativamente a Heidegger? Talvez em que a sua relação ao homem, ao humano em geral é outra?*

Somos de natureza totalmente distinta. Eu procedo de uma casa em que imperava a ligação às Ciências naturais, e não extraí mesmo nada dessa origem. Foi sobre a nossa tradição cultural, marcada pela arte e pela história, que comecei por me debruçar absolutamente. Heidegger estava determinado pela problemática religiosa da sua juventude católica e pelo problema do Iluminismo. Claro que há pontos de convergência, uma vez que éramos todos contemporâneos. Mas Heidegger era onze anos mais velho... e onze anos, quando se é jovem, é uma distância enorme. Mais tarde, esta diferença já quase não se nota.

*A sua filosofia situou-se sempre nas proximidades do que poderíamos chamar "curso do mundo", do cosmopolitismo, enquanto que Heidegger foi um pensador terrivelmente solitário.*

Foi isso que Habermas disse de mim, de uma forma tão bonita: que eu tinha posto em marcha a urbanização do pensamento heideggeriano... de uma figura tão autóctone [*bodenständig*], tão preso ao seu solo natal como Heidegger. Mesmo que ele não conhecesse a palavra, ela define-o.

A arte de poder não ter razão.

Diálogo com Hans-Georg Gadamer

*Preso à terra natal, mas atravessado de solidão.*

Quanto mais elevado é o espírito, tanto mais solitário é.

*Conversava com Heidegger acerca do seu próprio pensamento?*

Com Heidegger? Havia quem fosse capaz de conversar mesmo com Heidegger, mas não é o meu caso. Com ele, eu só pude aprender. Naturalmente, também eu necessitei um certo tempo, antes de ser capaz de superar realmente o erro político de Heidegger. Mas então dediquei-me a tentar clarificar algo deste Heidegger tardio e misterioso. Escrevi um livro, *Os caminhos de Heidegger [Heideggers Wege]*, com a finalidade de tornar acessível estes trabalhos tão sibilinos da época tardia. E creio que o consegui. Compreendo bem que, agora, a geração mais jovem tenha enormes dificuldades com Heidegger. Eu próprio, entretanto, também as vou tendo. O estilo mudou com o tempo. Há um ímpeto no seu falar, cujo rumor também a mim, hoje, se me torna difícil de decifrar. Heidegger também manejou a poesia com violência. Quando lia versos, lia-os com ênfase na sua interpretação. Ritmo, metrificacão e acentuacão eram sacrificados nesse altar. Tinha que produzir-se aquilo que ele considerava a versão do pensamento. E isso levou-o a ler Hölderlin, um dos nossos pensadores mais importantes, como mais ninguém o fez. No caso de Heidegger, Hölderlin chegou a ser quase o seu próprio universo espiritual.

122

*Acha que se pode distinguir entre Heidegger como homem político, com o seu desvario nacional-socialista, e como filósofo?*

Creio que temos que ter ideias claras acerca da situação da sociedade alemã a finais dos anos 20 e princípios dos 30, que era muito tensa. Tínhamos um nível de desemprego, que hoje nem sequer podemos conceber, e a isso correspondia, naturalmente, uma radicalização de tendências de direita e esquerda, como sempre acontece numa sociedade que se encontra em crise. A maioria não elegeu propriamente Hitler..., simplesmente não quis eleger o comunismo. Para mim, estava claríssimo que Hitler era uma personalidade devastadora, sobretudo devido à questão judia. Eu tinha muitos amigos judeus. Por isso, era-me tremendamente fácil ter um pé atrás. Heidegger também nunca partilhou os delírios racistas de Hitler. Mas ele estava visionariamente convencido que, estando dentro da revolução técnico-industrial, só poderíamos voltar a uma situação estável mediante uma rotaçao completa. E esta visao dele, antecipadora do futuro, expressou-a ele mais tarde com expressões como "olvido do ser", etc. Naturalmente, Heidegger ficou consternado com o seu erro. Mas sempre interpretou este erro, considerando que o vício não estava na direcção tomada, que ele tinha por basicamente correcta, mas nos que se apoderaram dela. Pois é, os erros pagam-se caro, e os seus dotes políticos eram realmente mínimos.

*Bem, a objecção de George Steiner é que, afinal, tudo isso não é assim tão grave. A autêntica culpa de Heidegger reside no silêncio que depois guardou.*

Tradutora

Irene Borges-Duarte

Toledo, v. 6, n.2 (2023), p. 118-125

Eu não acho que isso seja certo. Heidegger considerava: então eu, agora, devo dizer, como cem mil outros, que sempre fui contra?

*O Senhor disse, em qualquer lugar, que é quase impossível que haja palavras, para assumir essa culpa. Mas não haverá palavras para expressar, pelo menos, a sua indizibilidade?*

Admito que, em muitas coisas, Heidegger tinha a teimosia de um camponês. Bem, são debilidades naturais, humanas, que ele nunca negou ter. Ao fim e ao cabo, ele não era mais que um homem. Como eu disse, uma vez, numa entrevista, que quando se fala de Heidegger, a gente esquece-se sempre do pecado original.

*Voltemos à sua filosofia. Disse o Senhor uma vez: "hermenêutica é uma palavra que a maioria dos homens não chegará a conhecer nem a precisar de conhecer. E, contudo, nem por isso deixa de ter que ver com a experiência hermenêutica". O que é, então, a Hermenêutica?*

Hermenêutica é a arte de compreender a opinião de outro. Eu gosto sempre de citar Kierkegaard, quando fala do consolador que é, em qualquer ocasião, não ter razão ante Deus. Mas também há algo de consolador em pensar que, em geral, se pode mesmo não ter razão.

123

*Desse modo, a Hermenêutica vira-se, por um lado, contra a ciência tradicional e, por outro, também contra a pretensão da filosofia estrita a uma verdade no sentido de condicionamento último.*

Como se fôssemos deuses, claro! Com certeza que conhece a famosa sentença de Lessing, em que ele diz: se me fosse dada a verdade, numa mão, e na outra, a busca da verdade, então responderia que me desse esta última e guardasse aquela outra. Que outra coisa podemos nós, filósofos, fazer, se não buscar a verdade? [Quer isto dizer que] só podemos fantasiar que temos a verdade, ou que podemos, ante outro, não ter razão e contar com a possibilidade de que os outros estejam mais perto da verdade? Não, o relativismo é uma invenção de Habermas. Platão deu ao conceito de filosofia o seguinte sentido: nenhum deus filosofa; pois, os deuses sabem o que é que é verdadeiro, enquanto que nós estamos à procura. Acho que esta descrição do que é a filosofia é humanamente mesurada. E isto, na era da ciência, não é assim tão negativo. Tenho em conta que também é válido para uma determinada linha científica. Por isso, não estou mesmo nada em desacordo com Popper – pondo de lado as suas esquisitices e dogmatismos – ao dizer: hão-de aparecer novas questões.

*A sua filosofia gira em torno ao problema do Outro. Mas há várias possibilidades de nos apercebermos do Outro, ou de nem sequer o ver. A sua filosofia procura compreender o Outro, procura o diálogo. O que é que isso significa mais especificamente?*

A arte de poder não ter razão.

Diálogo com Hans-Georg Gadamer

O Outro é a via pela qual chegamos a conhecer-nos a nós próprios. São erróneas todas as ilusões de que podemos conhecer fechando-nos aos outros. Acho que o famoso "conhece-te a ti mesmo" significa, propriamente: reconhece que és humano, e não penses em ti como se fosses Deus. É nisso que reside o perigo do absoluto. Para mim, tem algo de inquietante, que ainda haja gente que invoca com ênfase este conceito.

*A ideia do absoluto é uma representação marcada pelo mundo cristão moderno. O que significa que a resposta a todas as questões voltaria a devolver-nos às concepções gregas originárias, àquilo que se chama ter limitações e ser humano.*

Isso poderia, certamente, ajudar o nosso mundo do pensamento e da linguagem. Mas creio que os problemas tornam-se globais. No século XXI, a situação de convivência entre tradições culturais muito diversas, até mesmo da filosofia, abrirá provavelmente novas perguntas e possibilidades. Trata-se também de um abrir-se a experiências totalmente diferentes, que nós na tradição cultural de ocidente ainda não tivemos, que realmente não fizemos. Apropriámo-nos da China, da Índia, de tudo o que foi possível, inclusive do ponto de vista intelectual. Mas talvez não daquelas coisas do Extremo Oriente e da Índia que vêm ao nosso encontro. Este encontro mostrará a violência do mundo técnico-industrial. O que, para o futuro, também constitui a oferta conjunta da história do mundo. Não creio que seja correcto dizer que a ciência ocidental tem que guiar a humanidade até ao fim. Parece que sim. Mas eu não estou tão convencido disso.

124

*Porque não?*

Considero possível que se possa praticar com serenidade as grandes possibilidades e forças de domínio sobre Natureza. Talvez isso se possa aprender. Por isso mesmo, não me posso identificar totalmente com esse pessimismo, segundo o qual já alcançamos o último nível da evolução do universo, e agora o homem estende tanto o braço da técnica, que já não consegue descer até ao chão cá em baixo. Como as girafas com o seu longo pescoço. A técnica consegue chegar com este braço a qualquer parte, mas no fim já não chega ao alimento da terra. Eu não sou assim tão pessimista, que pense que já só possamos diagnosticar o fim da Humanidade neste planeta.

*Como descreveria, então, a sua própria vida? Como algo essencialmente contínuo, que parte da esperança? Ou há aí rupturas, algo assim como: eu não teria realmente pensado isto?*

*A posteriori* entende-se sempre de forma contínua. Por exemplo: ao terminar, finalmente, o meu livro, quando tinha 60 anos, eu nunca teria pensado que iria ter um tal êxito mundial. Também nunca suspeitei que isso significasse ter viajado tanto por esse mundo fora. Pois estou convencido que, dessa maneira, evitei que as pessoas tivessem que me ler em traduções. As pessoas puderam ouvir-me a mim mesmo a falar na sua língua. E isso convenceu-as. Assim, a relação eu-tu conseguiu ficar entretecida na minha biografia.

*E o que é que considera mais digno de menção na sua vida - ou talvez para a vida em geral?*

Creio que o que é mais digno de menção é sempre aquilo que não se pode comunicar. Aí está mais um exemplo para aquilo de que estivemos a falar: a finitude.

*O mais digno de menção seria, então, a resignação?*

Heidegger falou de "serenidade". Eu falaria de "resignação". Mas também é algo maravilhoso ver que o homem pode comunicar os seus pensamentos, dentro dos limites em que isso, justamente, lhe é possível. Assim, só são efectivamente dignos de pena aqueles homens isolados, aqueles que realmente não são capazes de comunicar mesmo nada. Eu sempre tirei proveito do diálogo. E vai certamente acontecer que, depois desta conversa, eu ainda vou dar comigo a pensar, por exemplo, no que, afinal, deveria ter dito.

Submetido: 13 de outubro de 2023

Aceito: 13 de novembro de 2023

125